



PROCESSO SELETIVO 2002/1

LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA

As questões de 1 a 3 referem-se ao texto a seguir.

[...]

O que está em jogo é o papel da imprensa. Qual a filosofia que a move ao selecionar comida como essa para ser servida ao povo?

A resposta é a tradicional: “A missão da imprensa é informar.” Pensa-se que, ao informar, a imprensa educa. Falso. Há milhares de coisas acontecendo e seria impossível informar tudo. É preciso escolher. As escolhas que a imprensa faz revelam o que ela pensa do gosto gastronômico de seus leitores. Jornais são refeições, bufês de notícias selecionadas segundo um gosto preciso. Se o filósofo alemão Ludwig Feuerbach estava certo ao afirmar que “somos o que comemos”, será forçoso concluir que, ao servir refeições de notícias ao povo, os jornais realizam uma magia perversa com seus leitores: depois de comer eles serão iguais àquilo que leram.

Faz tempo que parei de ler jornais. Leio, sim, movido pelo espírito apressado da leitura dinâmica; apressadamente, deslizando meus olhos pelas manchetes para saber não o que está acontecendo, mas para ficar a par do menu de conversas estabelecido pelos jornais. Muita coisa importante e deliciosa acontece sem virar notícia, por não combinar com o gosto gastronômico dos leitores. Se não fizer isso, ficarei excluído das rodas de conversa, por falta de informações. Parei de ler os jornais não por não gostar de ler, mas precisamente porque gosto de ler.

As notícias dos jornais são incompatíveis com meus hábitos gastronômicos: leio bovinamente, vagarosamente, como quem pasta... ruminando. O prazer da leitura, para mim, está não naquilo que leio, mas naquilo que faço com aquilo que leio. Ler, só ler, é parar de pensar. É pensar os pensamentos de outros. E quem fica o tempo todo pensando o pensamento de outros acaba desaprendendo a pensar seus próprios pensamentos: outra lição de Schopenhauer.

Pensar não é ter as informações. Pensar é o que se faz com as informações. É dançar com o pensamento, apoiando os pés no texto lido: é isso que me dá prazer. Suspeito que a leitura meticulosa e detalhada das informações tenha, freqüentemente, a função psicológica de tornar desnecessário o pensamento. Quem não sabe dançar corre sempre o perigo de escorregar e cair... Assim, ao se entupir de notícias como o comilão grosseiro que se entope de comida, o leitor se livra do trabalho de pensar.

A maioria das notícias dos jornais, eu não sei o que fazer com elas por não entendê-las. Penso: se eu não entendo a notícia que leio, o que acontecerá com o “povão”?

[...]

Ao final de sua crônica, o Arnaldo Jabor dá um grito: “os órgãos de imprensa devem ter um papel transformador na sociedade...” De acordo. Dizendo do meu jeito: os órgãos de imprensa têm de contribuir para a educação do povo. Mas educar não é informar. Educar é ensinar a pensar. Os jornais ensinam a pensar? Repito a pergunta: Será que a leitura dos jornais nos torna estúpidos?



Questão 1

Pela leitura do texto de Rubem Alves, é CORRETO afirmar que:

- a) o prazer da leitura advém não da assimilação das informações, mas das relações que se estabelecem entre comida e pensamento.
- b) ler vagarosamente os jornais do dia leva à grata satisfação de sentir-se informado a respeito do “menu de conversas estabelecido pelos jornais.”
- c) entender a maioria das notícias dos jornais é um desafio honroso, levando-se em conta que o objetivo maior da leitura é buscar conhecimento por meio do exercício do pensamento.
- d) os órgãos de imprensa têm um papel transformador na sociedade porque educam pela informação.
- e) há uma equivalência de sentido entre a afirmação tradicional de que “a função da imprensa é informar” e a afirmação do autor de que “ler, só ler, é parar de pensar”.

Questão 2

Assinale a alternativa INCORRETA.

- a) O texto se estrutura a partir de orações justapostas, com poucas marcas de coesão, o que contribui para o tom categórico que apresenta.
- b) O entrelaçamento comparativo entre comida, dança e pensamento torna evidente uma estratégia de dar concretude à argumentação com vistas ao convencimento do leitor do artigo.
- c) Um paradoxo se apresenta quando o autor, ao mesmo tempo em que condena os jornais pela “magia perversa” de fornecer informações apenas no nível do “gosto gastronômico dos leitores”, questiona a capacidade de entendimento da notícia por parte do “povão”.
- d) Em “se não fizer isso, ficarei excluído das rodas de conversa” (3º parágrafo), o pronome refere-se à falta de informações.
- e) No último parágrafo, a oração “Mas educar não é informar” dispõe de um conectivo que explicita as idéias em que se baseia a argumentação do autor, contrapondo-as.

Questão 3

A questão abaixo trata da referência textual.

A maioria das notícias dos jornais, eu não sei o que fazer com elas por não entendê-las.

Sobre a frase acima, é INCORRETO afirmar que:

- a) “elas” e “-las” referem-se apenas à expressão “a maioria das notícias dos jornais”.
- b) “-las” pode se referir tanto a “elas” como à expressão “a maioria das notícias dos jornais”.
- c) a frase acima pode ser reescrita, sem prejuízo do sentido, como “Eu não sei o que fazer com as notícias dos jornais por não entender a maioria delas”.
- d) a frase acima pode ser reescrita, sem prejuízo do sentido, como “Eu não sei o que fazer com a maioria das notícias dos jornais por não entendê-las”.
- e) a frase pode ser reescrita, sem prejuízo do sentido, como “Eu não sei o que fazer com a maioria das notícias dos jornais por não entender essas notícias”.



Questão 4

Os provérbios têm origem anônima e, apesar de sua aparente simplicidade, exprimem, de forma prática e condensada, certas crenças e visões de mundo que fazem parte do imaginário de um povo ou de certo grupo social.

No trecho abaixo, Joelmir Betting faz um comentário sobre a situação crítica do Brasil, provocada pela alta do petróleo da OPEP: “Estamos perdendo nas duas pontas: na alta dos barris e na alta dos juros. México, Venezuela, Equador e Indonésia, exportadores de petróleo, recuperam nos barris e perdem nos juros da dívida.”

FOLHA DE S. PAULO. 20 set. 1990. p.15.

Marque a alternativa cujo provérbio sintetiza a situação crítica do Brasil, apontada no trecho acima.

- a) Uns plantam, outros colhem.
- b) O bom-bocado não é para quem faz, é para quem come.
- c) Mais vale um pássaro na mão do que dois voando.
- d) Quando a pedra cai no vaso, o vaso quebra, azar do vaso; quando o vaso cai na pedra, o vaso quebra, azar do vaso.
- e) Quando um não quer, dois não brigam.

Questão 5

Eu sigo as lições dos mestres.

No pronome Eu se resume atualmente toda política e toda moral: é certo que estes conselhos devem ser praticados, mas não confessados; bem sei, bem sei, isso é assim: a hipocrisia é um pedaço de véu furtado a uma virgem para cobrir a cara de uma mulher devassa: tudo isso é assim: mas o que querem? ... ainda não sou um espírito forte completo, ainda não pude corrigir-me do estúpido vício da franqueza.

Eu digo as coisas como elas são: há só uma verdade neste mundo, é o Eu; isto de pátria, filantropia, honra, dedicação, lealdade, tudo é peta, tudo é história, ficção, parvoíce; ou (para me exprimir no dialeto dos grandes homens) tudo é poesia.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *A carteira de meu tio*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995. p. 23-24.

Considere o fragmento acima, no contexto da obra *A carteira de meu tio*, de Joaquim Manuel de Macedo, analise as afirmações que seguem e assinale a alternativa CORRETA.

- a) A interlocução se dá entre o sobrinho recém-chegado e o tio que lhe custeou os estudos em Paris.
- b) A hipocrisia do narrador manifesta-se através da confissão de que sua franqueza é um vício estúpido e de que o egoísmo deve ser praticado mas não confessado.
- c) “ainda não sou um espírito forte completo, ainda não pude corrigir-me do estúpido vício da franqueza”. A justaposição das orações é uma estratégia lingüística que assinala a relação entre ser e parecer.
- d) “grandes homens” (3º parágrafo) tem o significado oposto a “mestres” (1º parágrafo), uma vez que a ironia identifica poesia e fraqueza.
- e) A certeza que se explicita no trecho não é baseada na intelectualidade do sobrinho, mas na vontade deste de satisfazer ideologicamente os anseios políticos do tio.



Questão 6

[...] Só o papagaio conservava no silêncio as frases e feitos do herói.

Tudo ele contou pro homem e depois abriu asa rumo de Lisboa. E o homem sou eu, minha gente, e eu fiquei pra vos contar a história. Por isso que vim aqui. Me acocorei em riba destas folhas, catei meus carrapatos, ponteei na violinha e em toque rasgado botei a boca no mundo cantando na fala impura as frases e os casos de Macunaíma, herói da nossa gente.

Tem mais não.

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*. Belo Horizonte: Garnier, 2000. p. 126.

Com base na leitura de *Macunaíma*, de Mário de Andrade e, especificamente, no trecho acima, assinale a proposição INCORRETA.

- a) Percebemos, por esse trecho final da obra, a voz de um narrador que se apresenta como um contador de histórias, mais exatamente, um contador das histórias de Macunaíma, contadas pelo papagaio.
- b) A passagem “botei a boca no mundo cantando na fala impura as frases e os casos de Macunaíma, herói de nossa gente” confirma o caráter de oralidade da obra.
- c) Ao dizer que o papagaio “abriu asa rumo de Lisboa”, percebemos uma ironia do autor visto que isso contradiz o propósito de afirmação do nacionalismo brasileiro que percorre toda a narrativa.
- d) Na passagem “minha gente”, há uma referência aos interlocutores da história contada pelo narrador e na passagem “nossa gente”, há uma referência mais genérica a brasileiros.
- e) A narrativa se passa num espaço mágico, de tal forma que o herói Macunaíma vai de São Paulo ao Rio, Mato Grosso e Amazonas em questão de segundos. Com relação ao tempo, porém, obedece-se, com certo rigor, a uma organização cronológica.

Espaço para
RASCUNHO



Questão 7

LEITO DE FOLHAS VERDES

*Porque tardas, Jatir, que a tanto custo
À voz do meu amor moves teus passos?
Da noite a viração, movendo as folhas
Já nos cimos do bosque rumoreja.*

*Eu sob a copa da mangueira altiva
Nosso leito gentil cobri zelosa
Com mimoso tapiz de folhas brandas,
Onde o frouxo luar brinca entre flores.*

*Do tamarindo a flor abriu-se, há pouco,
Já solta o bogari mais doce aroma!
Como prece de amor, como estas preces,
No silêncio da noite o bosque exala.*

*Brilha a lua no céu, brilham estrelas,
Correm perfumes no correr da brisa,
A cujo influxo mágico respira-se
Um quebranto de amor, melhor que a vida!*

*A flor que desabrocha ao romper d'alva
Um só giro do sol, não mais, vegeta:
Eu sou aquela flor que espero ainda
Doce raio do sol que me dê vida.*

*Sejam vales ou montes, lago ou terra,
Onde quer que tu vás, ou dia ou noite,
Vai seguindo após ti meu pensamento;
Outro amor nunca tive: és meu, sou tua!*

*Meus olhos outros olhos nunca viram
Não sentiram meus lábios outros lábios,
Nem outras mãos, Jatir, que não as tuas
A arasóia na cinta me apertaram.*

*Do tamarindo a flor jaz entreaberta,
Já solta o bogari mais doce aroma;
Também meu coração, como estas flores,
Melhor perfume ao pé da noite exala!*

*Não me escutas, Jatir! nem tardo acodes
À voz do meu amor, que em vão te chama!
Tupã! lá rompe o sol! do leito inútil
A brisa da manhã sacuda as folhas.*

DIAS, Gonçalves. *Os melhores poemas*. São Paulo: Global, 2000. p. 98-9

A partir de uma leitura interpretativa desse texto, escolha a alternativa INCORRETA.

- a) O poema apresenta um eu lírico feminino que prepara para o amado um leito de folhas verdes. Tal eu lírico experimenta, a princípio, como estado de alma, o amor e, ao final, a decepção e a frustração, provocadas pelo fato de Jatir não comparecer ao encontro amoroso.
- b) Na estrofe 5, estabelece-se uma relação metafórica entre flor/mulher e sol/Jatir.
- c) É possível perceber, ao longo do poema, que a natureza comunga com os sentimentos do eu lírico. Essa é, aliás, uma característica recorrente do estilo romântico.
- d) No texto, o percurso do tempo faz-se da seguinte forma: a chegada da manhã associa-se ao desejo de realização amorosa do eu lírico, enquanto a noite coincide com o estado de frustração.
- e) O poema expressa a entrega amorosa total (estrofe 5) e a fidelidade absoluta (estrofes 6 e 7). Essa concepção amorosa, inspirada nas cantigas medievais, e a temática indianista coloca o poema em sintonia com o espírito romântico da época.



Questão 8

À TELEVISÃO

*Teu boletim meteorológico
me diz aqui e agora
se chove ou se faz sol.
Para que ir lá fora?*

*A comida succulenta
que pões à minha frente
como-a toda com os olhos.
Aposentei os dentes.*

*Nos dramalhões que encenas
há tamanho poder
de vida que eu próprio
nem me canso em viver.*

*Guerra, sexo, esporte
– me dás tudo, tudo.
Vou pregar minha porta:
já não preciso do mundo.*

PAES, José Paulo. *Prosas seguidas de odes mínimas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 71.

Sobre o poema de José Paulo Paes, é CORRETO afirmar:

- a) Fica evidenciada, ao longo do poema, a presença de duas vozes que se comunicam. Uma é a do eu lírico e a outra é a da televisão. Esse recurso dialógico repete-se em todos os poemas que compõem a parte das “odes mínimas”, na obra de José Paulo Paes.
- b) A expressão “não preciso do mundo” sugere que a televisão é capaz de suprir todas as necessidades e desejos das pessoas, embora isso não as dispense de relacionar-se com o mundo exterior.
- c) No texto, a cada conteúdo que a televisão apresenta, uma ação do eu lírico é evitada: o boletim meteorológico dispensa-o de “ir lá fora”; a imagem da comida succulenta o induz a aposentar os dentes; o poder de vida expresso nos dramalhões evita que ele se canse de viver. Isso demonstra uma ironia do poeta em relação à passividade a que as pessoas se sujeitam diante da televisão.
- d) O poeta, nesse poema, estabelece uma relação de oposição entre o mundo real e o mundo virtual, assim como faz na primeira parte da obra.
- e) A ode é uma espécie do gênero lírico que se caracteriza pelo seu teor de homenagem. Nesse texto, há um caráter de exaltação das qualidades da televisão.



Questão 9

Os trechos abaixo fazem parte do capítulo 16 do romance *A grande arte*, de Rubem Fonseca.

Estou colocando os acontecimentos em ordem cronológica, mas às vezes esqueço um determinado episódio que algum dos personagens me contou, ou então um do qual eu mesmo participei. Esse diálogo com Zakkai, como o que ele teve com Lima Prado, na única vez em que estiveram juntos, é muito difícil de ser contado. O que ele e Lima Prado conversaram foi praticamente tirado de um dos Cadernos do financista.

“Sou eu, o Nariz de Ferro”, disse o homem aboletando-se na poltrona como se fosse fazer uma longa viagem. “Percebo que o senhor está querendo me catalogar, mas não adianta, nem eu mesmo sei se sou branco ou preto, mouro ou judeu, o que aliás não tem a menor importância de uma forma ou de outra. Sou um homem que sabe das coisas, passo os dias no telefone para me informar. Os jornais não dizem nada e a televisão, bah, a televisão é o ópio do povo, como disse Lenin. Conheço a alma humana e sei o que motiva banqueiros, parlamentares, generais, jornalistas, ministros, tiras como Raul, ladies que fuçam no inter espaço ocluso, como disse Balzac.[...]”

FONSECA, Rubem. *A grande arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 150-151.

Sobre a leitura desse trecho, no contexto do romance, é CORRETO afirmar:

- a) A narrativa, nesse capítulo, é estruturada em dois movimentos: o do encontro do protagonista com Nariz de Ferro e o de rememoração desse encontro, no qual se mesclam, no diálogo entre as personagens, reflexões filosóficas sobre a natureza humana.
- b) A personagem protagonista ocupa a posição de narrador principal, responsável pela ordenação cronológica dos acontecimentos num movimento linear para o desfecho.
- c) O diálogo entre Zakkai e Lima Prado, transcrito de um dos cadernos do financista antecipa o desfecho do romance.
- d) O protagonista do romance deixa transparecer em sua fala, no segundo parágrafo, uma crítica às instituições sociais, como a mídia, os três poderes, os bancos, as forças armadas, configurando uma tendência própria do romance moderno: o engajamento social.
- e) A perspectiva otimista da natureza humana, sobrepondo-se ao quadro pessimista das elites brasileiras é configurada no monólogo de Nariz de Ferro.

Espaço para
RASCUNHO

Questão 10



QUINO. *Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 138-139.

A leitura da tira acima permite as seguintes afirmações:

- I - O texto é preconceituoso, pois minimiza a capacidade de as crianças manejarem tecnologia complexa.
- II - O cartunista ironiza o preconceito do adulto em relação à capacidade intelectual infantil.
- III - Os pronomes de tratamento “senhora” e “senhoras” têm força de apelo: visam a um efeito de chamada na propaganda da TV.
- IV - A palavra *até*, no segundo quadrinho, reforça o apelo da propaganda, indicando os limites máximos da simplicidade da máquina: até uma criança consegue manejar!
- V - A frase da personagem no último quadrinho, apesar de interrogativa, tem intenção de acusação.

Marque a alternativa CORRETA.

- a) I, II e III são verdadeiras.
- b) II, IV e V são verdadeiras.
- c) I, III e V são verdadeiras.
- d) II, III e IV são verdadeiras.
- e) I, IV e V são verdadeiras.

Espaço para
RASCUNHO

Cursos que Indicamos

Conheça os cursos e dê o próximo passo na sua preparação.

Clique na imagem ou no botão para acessar.



Código Matemática 2.0

Conhecer o curso



Curso Preparatório ENEM

Conhecer o curso



Curso Preparatório Redação ENEM

Conhecer o curso

